

DISCURSO*

Construir é colaborar com a terra; é colocar um marco humano numa paisagem, marco que a modificará para sempre.

Marguerite Yourcenar

As alegrias inesperadas são as mais profundas. Mesmo quando sejam merecidas, presumindo que o sejam, têm o saber maravilhoso dos dons gratuitos que recebemos.

Vivendo agora em Lençóis, na Chapada Diamantina, nos contrafortes da serra, junto à antiga estrada tropeira que leva a Caeté-Açu, no aprendizado de uma nova experiência de vida, entregue a lides bem diversas daquelas que conheci durante décadas, envolvido embora ainda com os livros, paixão que não esmorece, estes mestres mudos, como dizia o Pe. Vieira, mas sobretudo ocupado com a terra, usando os braços e as mãos para tirar da terra jardim e pomar, no silêncio das serranias, construindo entre as árvores um ritmo novo de sentir, longe do poder, na surpresa quotidiana de emoções e coisas descobertas, os prazeres dos dias, a paciência da terra, o fluir da vida, enquanto velhos pequenos sonhos se materializam em mais liberdade. Estando assim, eis senão quando me chega uma outra grande alegria, a de que esta Câmara me distinguiu com o Título de Cidadão Feirense.

Trazido de novo ao tempo passado, mas sempre retido na memória e na emoção, vejo-me outra vez levantando minha voz nesta Casa.

Esta oração é, necessariamente, de agradecimento e louvor. Agradecimento a esta Egrégia Câmara, a cada um dos senhores vereadores. Agradecimento à cidade e ao seu povo, que me acolheu, ajudou-me a crescer, cercando-me de carinho e respeito. A esta comunidade onde encontrei tantos amigos, onde criei minhas filhas e me realizei profissionalmente; louvor à cidade *mágica* dos meus primeiros encontros, ainda calma e sossegada, de uns poucos carros, conhecidos e comentados, onde à noite se conversava nos passeios junto às casas abertas, e as torres da Matriz, ainda dominantes, acolhiam jovens poetas, noviços das letras, em busca da inspiração nos longos crepúsculos; agradecimento à cidade nua da industrialização,

* Proferido pelo ex-Reitor, Prof. José Maria Nunes Marques, em 17/10/1991, na Câmara de Vereadores, quando essa lhe outorga o Título de Cidadão Feirense. Presente à homenagem, membros da Casa, Reitoria da UEFS, ao lado de estudantes, professores, funcionários, representantes dos vários segmentos da comunidade feirense e familiares do homenageado.

do crescimento desordenado, da multiplicação das avenidas e do anonimato, a cidade dos arranha-céus e da Universidade, conquista da teimosia e da coragem, construída e permanentemente em construção e que há de ser o seu maior referencial. Terra de contrastes, de rudeza e ternura, de vastos horizontes incendiados. Cidade em metamorfose ...

Sempre, no entanto, uma cidade especial.

Vi a Feira de Santana pela primeira vez em uma noite de julho de 1952, de passagem para Mundo Novo, ao encontro do sertão. Era uma noite fria e andei pelas ruas largas e silenciosas, de escassa iluminação, a cidade diluída na penumbra, visão noturna da grande praça aberta, com raros 'carros de aluguel', todos negros.

Nem por sonho me passou que viveria aqui. Mas ficou, persistente, uma lembrança daquele encontro noturno, entre as névoas de julho.

Voltei a Feira de Santana em 1954, já acadêmico de Direito, e encontrei, numa ensolarada manhã de domingo, na rua Boticário Moncorvo, a mulher que seria minha companheira de toda a vida. Na luminosidade da manhã, lá estava ela, voltava da Missa com a família, e sorria para mim o claro riso alegre dos seus vinte anos.

Naquela manhã, mesmo que não o pressentisse inteiramente, os meus caminhos se delineavam e a cidade de luz estonteante, centrada ainda no Campo do Gado e na monumental feira livre, a cidade sertaneja, fechava o cerco sobre minha vida. Com o recurso irresistível de um sorriso de mulher em uma manhã de domingo.

Cada amor tem sua história, e o nosso, o meu e de Zélia, que se escreve até hoje, é uma história cujo cenário maior é a Feira de Santana, as acácias da Matriz, as tardes nos tamarineiros - onde perto se construía uma escola - os bosques e as mangueiras da Escola Normal. Mas nos casamos em Salvador, na Igreja do Convento de São Francisco, espaço privilegiado de minha infância, em dezembro de 1958. Era uma segunda-feira.

Assim, aos poucos, nasce e cresce o meu afeto pela Feira de Santana, ressonância das emoções e alegrias daquele tempo. Como não agradecer, como não ficar cativo, se ela me entrara assim, coração a dentro.

Em 1960, viemos morar aqui, graças a um conjunto favorável de circunstâncias, que me fizeram diretor da escola de menores. Naquela época um grupo de feirenses, sob a liderança de Fernando Pinto de Queiroz, preocupava-se com o problema dos menores abandonados. Estes homens de boa vontade queriam instalar uma escola e buscaram o apoio do Secretário do Interior e Justiça, o professor Josaphat Marinho, que fora meu mestre na Faculdade de Direito e de cuja amizade me prezo até hoje. Com a confiante anuência dos feirenses, Josaphat Marinho convidou-me para organizar a instalação e dirigir a escola. Acasos felizes me conduziram para Feira de Santana. Zélia e a Associação de Proteção à Infância me trouxeram para cá. Diz o poeta que são os passos distraídos que constróem todos os destinos. Apenas o *como* prosseguirmos nos pertence, apenas o *modo de fazer* nos cabe, a qualidade das ações quotidianas, a vontade, o interesse, o prazer que encontramos nelas, o sentimento de sua importância. Todas as tarefas às quais me

entreguei me engrandeceram. O Instituto de Educação de Menores foi das mais gratificantes pelo sentido humano e pessoal, por ver e sentir os resultados do trabalho na transformação dos meninos, que cresciam no estudo, na compreensão e na responsabilidade. Hoje muitos são médicos, engenheiros, professores, comerciantes, bancários e quase todos cidadãos participantes. Claro que não se resolveu o problema social do menor abandonado, que não se resolve em escolas e internatos - estes apenas eventualmente podem ajudar e encaminhar alguns indivíduos. O menor abandonado, o menino de rua, é o efeito de uma estrutura social defeituosa, cruelmente injusta, e da ausência da educação como base maior da vida comunitária. Somente pelo enfrentamento das causas poderemos algum dia solucionar a questão, que o correr dos anos só faz agravar. Hoje há milhões - dizem 7 milhões - de meninos de rua, que moram nas ruas, e eles constituem um desafio e uma vergonha para a sociedade. Enquanto a consciência deste drama, e deste risco, não se estabelecer, é bom que pessoas e grupos levem sua participação e seu esforço. Ajudar uma criança que seja é melhorar o mundo de alguma forma.

Feira de Santana me auxiliou a compreender e lidar com o sofrimento e a pobreza, e a confirmar o valor do trabalho disciplinado. E eu estava ali, naquela escola - o mesmo prédio que se construía junto aos tamarineiros dos meus passeios de namorado. E Zélia participava comigo, ajudando, com as meninas, a criar a impressão e o sentimento de que a escola era uma família.

Em 1964 fui dirigir o Ginásio Municipal a convite do Prefeito Joselito Amorim. Ampliou-se enormemente a minha área de convivência com a comunidade, porque o Ginásio envolvia em breve tempo alguns milhares de estudantes e suas famílias. Confesso orgulhar-me de ter dado a um estabelecimento de ensino público um padrão de qualidade capaz de nele reunir estudantes de todos os níveis sociais, que disputavam as suas vagas em igualdade de condições. Era como reviver o prestígio da velha Escola Normal, ou da Escola Normal da Bahia ou do Colégio Central, escolas públicas modelares. Juntei as tarefas da escola de menores às do Ginásio Municipal, às do Magistério, à noite, no tradicional Colégio Santanópolis, enquanto via definhar - sem muita pena - o escritório de advocacia que montara ao chegar.

Cada dia mais me tornava um feirense. Eu sou um feirense.

A cidade me estimulava a trabalhar. Além de Luciana, nascida em Salvador - e que justamente hoje aniversaria - minhas filhas feirenses por direito de nascimento já haviam chegado - Carolina, Adriana e Inês, todas agora minhas conterrâneas pelo benefício que esta Egrégia Câmara me concede.

A casa era uma festa. Lá freqüentemente recebia meus pais e irmãs, que juntos à família de Zélia, aprendiam a arte de ser avós e tias. Seo Marques e Rosalvina, Américo e D. França, quero apenas repetir seus nomes aqui, nesta noite, numa evocação.

Em 1967 enfrentei o grande dilema de um convite irrecusável. Navarro de Brito, amigo e colega dos tempos da Faculdade de Direito, então Secretário de Educação e Cultura - onde, diga-se de passagem - reviveu os tempos áureos de Anísio Teixeira,

convidou-me para assumir a Chefia do Gabinete, segundo posto na hierarquia da Secretaria da Educação e Cultura, substituto legal do Secretário. Para aceitar teria que deixar a Feira de Santana. Zélia e eu vivemos dias de angústia e tensão. Mas decidimos ficar em Feira. Pelas meninas, pois sempre entendemos que era melhor criá-las aqui, pelo trabalho que vinha realizando e porque nos sentíamos bem vivendo nesta cidade.

O episódio teve desdobramentos significativos para minha vida. Inconformado, Navarro de Brito se declarou no aguardo de nova oportunidade para fazer-me colaborador no seu trabalho. E a oportunidade surgiu quando o Governo decidiu concretizar o sonho, luta de muitos feirenses ilustres, por ver instalada em Feira de Santana uma Faculdade de Educação. Convidou-me então para a difícil tarefa de participar da organização e de implantar a Faculdade, como seu Diretor. Era desafio atemorizante, mas não havia como recusá-lo.

Em setembro de 1968 instalou-se a Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana (FEEFS).

A FEEFS, foi uma experiência fascinante, na qual um grupo harmônico, integralmente dedicado ao trabalho, caminhou numa sucessão de descobertas, porque estávamos aprendendo a fazer fazendo a cada dia. E éramos uma comunidade e realizamos ali, no velho prédio da Escola Normal, de tanta memória e história na educação nesta cidade, uma experiência exemplar. Divergíamos com a frequência necessária - a unanimidade é estranha ao pensamento - mas os objetivos permaneciam os mesmos, de ter uma instituição de excelência para servir à região de Feira de Santana e à Bahia.

A Faculdade foi a semente fecunda da Universidade.

E os acontecimentos se sucediam.

Em 1969 visitei uma série de Universidades americanas, integrando um grupo de professores selecionado em todo país. Em 1970 foi criada a Fundação Universidade de Feira de Santana, instalada sob a liderança de Geraldo Leite. Também nesse ano fui nomeado membro titular do Conselho Diretor da Fundação e do Conselho Estadual de Educação, neste efetivamente representando a Feira de Santana e o interior da Bahia. O CEE foi o meu doutoramento em educação, convivendo e aprendendo com figuras do porte e da seriedade de Luiz Rogério de Souza, Luiz Monteiro da Costa, Alexandre Leal Costa, mestres insígnies, nascidos com a vocação de educar, e enriquecidos por longa experiência. Lá aprendi, trabalhei e afinal ensinei, durante onze anos.

É um tempo de muita atividade, quando o povo de Feira de Santana e suas lideranças, suas associações, todos os segmentos se unem para garantir a construção da Universidade.

Começava a organização da UEFS e o trabalho gigantesco da montagem do processo de autorização a ser apresentado ao Conselho Federal de Educação. Neste passo, ressalte-se o trabalho extraordinário do Conselho Diretor da Fundação, uma demonstração da capacidade e competência de homens desta terra, superando

dificuldades para torná-la maior e melhor. O trabalho persistente daqueles homens é um marco inarredável na vida educacional da Bahia.

A Universidade, do ponto de vista pessoal, foi a mais árdua e dura das tarefas de que participei, embora rica em emoções e gratificante para o espírito. É certo - e até mesmo natural - que na medida do crescimento do poder, correlativamente as áreas de atrito e os conflitos de interesses aumentem. Professor de Ciência Política conhecia muito bem os perigos e passei por eles como uma pessoa que de certo modo tem a vocação da autoridade, mas não a paixão pelo poder.

Em 1970, ainda o Prefeito Newton Falcão convidou-me para assumir a Secretaria Municipal de Educação. Foi um outro aprendizado, sobretudo no conhecimento da educação na zona rural, da necessidade do treinamento continuado do pessoal, e das carências que nos cabe superar. Foi a única tarefa que tive que abandonar antes da conclusão, justamente pelas fantásticas circunstâncias que envolvem o exercício da política. E este foi o mais político de quantos cargos exerci.

Este caminho não planejado eu o recebi sempre como um dom de Deus e pude realizá-lo pela acolhida e o apoio da comunidade.

Planejara que não passaria minha vida nas metrópoles frenéticas, trepidantes, alienadas e em processo acelerado de desumanização. Para a realização deste propósito encontrei a Feira de Santana e nela a vontade e a bênção de ser educador. Da escola de menores, curso primário, ao ginásio, à Faculdade, à Universidade, coroamento natural, palmilhei todos os graus e amplitudes da educação e me senti realizado, nesta terra.

Em 1976 foi inaugurada a Universidade, sendo o Professor Geraldo Leite o seu primeiro Magnífico Reitor.

Quem não teve tal oportunidade não pode realmente avaliar a felicidade, a angústia e a complexidade que significa implantar uma Universidade. De modo especial na hipótese de Feira de Santana, implantá-la como um todo, com a escassa experiência de sete anos apenas de ensino superior.

Alguém assinalou no livro de impressões, por ocasião da festa inaugural: - "Felizes os governantes que podem inaugurar Universidades".

Realmente. Implantar a Universidade, participar ativamente de seu planejamento, é uma extraordinária aventura do espírito e da vontade. Durante dois, três anos, tardes e noites em uma sala da Faculdade, o Conselho Diretor trabalhava, debatia, pesquisava, legislava, levantava toda a estrutura para uma obra perene.

Contagiados pelo entusiasmo de Geraldo Leite, sustentados pela comunidade feirense, e pelos seus líderes, enfrentaram os descrentes e os tibios, afrontaram o cipoal burocrático e "esforçados mais do que prometia a força humana", construíram o sólido alicerce, pedra de lei, onde se levanta a Universidade.

Em verdade feliz é a geração que pode implantar uma Universidade.

Em 1979 assumi a Reitoria, onde cumpri dois mandatos, esforçando-me, com minha equipe, por manter e ampliar o ritmo da caminhada, e fazer compreender a extensão e a importância do que se estava construindo. Ao meu lado, amigo e

colaborador, leal e assíduo, o Mons. Renato Galvão cumpriu tempo igual na Vice-Reitoria, com a mesma preocupação que compreendessem a Universidade. Lembro, aqui, o que disse em 1987:

A Universidade é isto mesmo que lhe expressa o nome: todo o mundo e tudo que lhe é próprio. Não apenas a universalidade do conhecimento, mas ainda a própria essência da vida e do homem que a constituem. Nada que é humano ou transcende o homem lhe é estranho. É campo profissional, mas deve ser o espaço onde o pensamento se elabora, na busca fundamental das explicações e na avaliação imperiosamente necessária da convivência humana e da sociedade. Este é um tempo ainda primitivo, e só a educação, consistentemente ministrada, e assumida como instrumento de liberdade, com base ética e espiritual, poderá conduzir-nos, através da auto-crítica constante, ao aperfeiçoamento do homem, primeiro, e da sociedade, em consequência. Este é um tempo de crise, mas o contraste e a crise definem também a educação e o crescimento. É fundamental definir o que buscamos, como pessoa e como coletividade.

Ao povo feirense, à cidade, à sua Câmara Municipal, verdadeiramente Casa da Cidadania, cabe discutir o amanhã. É imperioso que o faça.

A Universidade está aí para transformar.

Vivemos uma crise em que se nos defronta o desafio de mudar. Tudo o que vemos e ouvimos neste tumultuado final do século nos impõe a urgência de uma grande mudança de vida.

Como realizá-la, de que maneira despertar para uma nova postura humana é obra de reflexão e pensamento, de conscientização, que Universidade e comunidade precisam realizar juntas. Os temas básicos e incontornáveis de preservação da natureza e crescimento demográfico -tragicamente entrelaçados - devem encontrar na Universidade o seu espaço de avaliação e resolução. A qualidade de vida e o bem estar das pessoas hão de ser a prioridade e o objetivo de qualquer esforço. Não podemos dobrar a população nos próximos 20 anos, sob pena de sucumbirmos como espécie. Precisamos despertar e refletir para negar o que disse Marguerite Yourcenar - *O homem é um empreendimento que tem contra si o tempo, a necessidade, a sorte e o imbecil e sempre crescente primado do número*. Vale refletir.

Mas esta é - deve permanecer - uma oração de agradecimento e louvor à Feira de Santana e ao seu povo, feita com alegria.

Agradeço a esta Câmara de Vereadores a convalidação da cidadania que o tempo, a amizade e o trabalho construíram. Este reconhecimento coroa o sentimento que sempre nutri, e em cujas ressonâncias envolvia esta cidade e a cidade de Salvador, onde nasci, entre as torres das igrejas centenárias que limitam o Terreiro de Jesus e o Largo do Cruzeiro de São Francisco, cinco igrejas ali plantadas, transformando para sempre as cumeadas da montanha, onde a cidade se erigiu e a aventura desta nação começou. Cidades tão diversas se uniram em meu espírito

como a minha casa, no sentimento, no carinho, na confiança e no trabalho.

Agradeço de modo muito especial, por justiça e reconhecimento necessário, primeiro ao Vereador Oyama de Figueiredo, Presidente desta Câmara, figura de empresário e político que a Feira de Santana observa com atenção e esperança, e que sem dúvida muito ainda poderá fazer por nossa terra, benevolente autor do projeto de concessão do título que acabo de receber; em segundo lugar, - por último mas não o último - agradeço ao prezado amigo e companheiro de jornada professor Raimundo Gonçalves Gama, que nunca desistiu da vontade de ver este dia e esta festa, sustentando a lembrança, alimentando a chama da memória, com a mesma persistente obstinação que desde os primórdios da Faculdade Estadual de Educação o fez dedicado e constante colaborador no trabalho pela educação.

É tempo de concluir. Sinto que deveria cantar ainda mais os louvores desta noite e a ventura de ter vivido aqui 28 anos, entremeando alegrias, emoções, buscando a forma completa do meu rosto, sujeito à contingência humana, no ritmo dos dias, mágicos ou duros, no exercício da paciência, na intransigente determinação de acertar, mas errando, às vezes - no silêncio onde em tantas ocasiões me acolhi, e me acolho ainda.

E não deixo a Feira de Santana. Tantos e tão queridos amigos tenho aqui, tantas lembranças, tantos momentos de plenitude, que não posso deixar mesmo de ser feirense.

A alegria de viver entre amigos.

A Feira de Santana de todos com os quais trabalhei, os que comigo viveram, nas escolas sucessivas, a rotina quotidiana do trabalho obscuro, sem o qual também a educação não se constrói.

A Feira de Santana de Filinto Bastos, de Eurico Alves Boaventura, de Godofredo Filho, de Hélio Simões, de Gastão Guimarães e Áureo Filho. A Feira de Santana de Dival Pitombo - filho estremecido e apaixonado sempre por sua terra, homem de cultura e de sabedoria, um guerreiro paciente, invencível na defesa da Feira; a postura, a voz, o carinho, a saudade do meu amigo Dival, cujo nome assinalo como símbolo e síntese dos grandes amigos que tenho em Feira de Santana, cuja convivência ameniza a vida, e cuja amizade representa a melhor construção de quantas participei nesta cidade, portal ensolarado do sertão.

E concluo valendo-me das palavras do maior poeta de Portugal, em célebre soneto em que do amor louvando os grandes gestos, proclama do amante a força de esperar, para dizer a esta terra e ao seu povo, aos quais servi, no limite de minha capacidade, o quanto ainda e *mais servira, se não fora para tão longo amor tão curta a vida!*

Muito obrigado!